

AJUSTE FOCAL PERSPECTIVA NA ESTRUTURAÇÃO SEMÂNTICA DO DISCURSO

Lee PONTES (PPGLing/UFC)

Júlio ARAÚJO¹ (UFC)

RESUMO

Um fundamento da Linguística Cognitiva é que a linguagem tem natureza cognitiva e que o significado é construído por meio de ajustes focais (mecanismos cognitivos similares à percepção visual), propriedades do objeto da conceptualização e interação entre os sujeitos envolvidos. A perspectiva, um dos ajustes focais, permite ao usuário da língua diferentes interpretações, que resultam dos quadros de conhecimento em relação à situação concebida, em que atuam ainda a Atenção e a Dinâmica de Forças. Assim, objetivamos, neste trabalho, discutir a relação do ajuste focal perspectiva na construção do ponto de vista e do self na conceptualização da experiência de “ter covid-19” entre falantes de língua portuguesa do Brasil. A análise indicou que falantes brasileiros recorrem à perspectiva centrada no sujeito da conceptualização (conceptualizador) posicionado como trajector do marco Covid-19 (Objeto da conceptualização), de modo a construir uma interação de forças na base do conteúdo relatado.

Palavras-chave: perspectiva, conceptualização, atenção e dinâmica de força.

ABSTRACT

The theoretical basis of Cognitive Linguistics is that the nature of language is cognitive and that meaning is structured through focal adjustments (cognitive mechanisms similar to visual perception), properties of the object of conceptualization and interaction between the participating subjects. The perspective, one of these focal adjustments, allows the language user to make different interpretations, which are the result of the frames of knowledge in relation to the conceived situation, in which the Attention and Force Dynamics adjustments operate. This paper aims to discuss the relationship of the focal adjustment of perspective in the construction of the point of view and the self in the conceptualization of the experience of "having covid-19" among Brazilian Portuguese speakers. The analyses and results indicate that Brazilian speakers resort to the perspective centered on the subject of the conceptualization (conceptualizer) positioned as the trajector of the Covid-19 framework (Object of the conceptualization), to construct an interaction of forces at the base of the reported content.

Keywords: perspective, conceptualization, attention and force dynamics.

INTRODUÇÃO

¹ Este artigo é parte de um projeto mais amplo intitulado "Pandemia de Covid-19: Fake News, Construção Sócio-Cognitiva da Doença e Discurso de Ódio", conduzido pelo grupo de pesquisa DIGITAL do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, sob a coordenação do segundo autor deste artigo.

A Linguística Cognitiva postula que os seres humanos têm a habilidade cognitiva de empregar diferentes sistemas semióticos para se comunicar em várias situações sociais. Essa abordagem pressupõe uma ligação fundamental e intrínseca entre as unidades linguísticas e o discurso. Em cada ato de comunicação, os participantes são levados a extrair unidades linguísticas, a fim de capturar e preservar aspectos relevantes do contexto interativo. Diante disso, as unidades linguísticas incorporam as perspectivas discursivas e são interpretáveis como instruções a fim de atualizar a interação discursiva. Existem múltiplos canais de conceitualização e de escritura, incluindo a simbolização do enquadramento atencional por grupos de unidades linguísticas. Uma cláusula e/ou expressão é construída e compreendida em concordância a um contexto interacional e discursivo, que molda e sustenta sua interpretação. Deste modo, aplicações contextuais mais particulares de unidades linguísticas conduzem ao entrincheiramento e à convencionalização como novas unidades linguísticas ampliadas. Ao passo que o discurso se desenrola, as estruturas conceituais são progressivamente construídas e modificadas em conformidades aos polos semânticos das unidades empregadas.

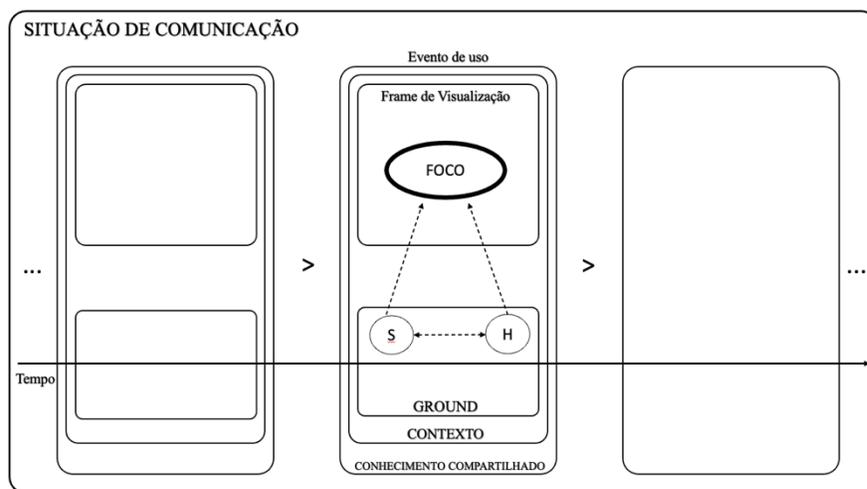
1. GRAMÁTICA COGNITIVA E A ESTRUTURAÇÃO SEMÂNTICA DO DISCURSO

A noção de discurso abordada pela Gramática Cognitiva de Langacker (2000) está mais próxima da ideia de interação, pois parte do princípio de que as unidades linguísticas são derivadas de eventos de uso. Em outras palavras, são construídas pelos falantes em cada situação de comunicação com o intuito de se fazer entender e persuadir. Cada evento de uso envolve uma conceitualização mais ampla, que se baseia na compreensão contextual completa de uma expressão. Essa compreensão é associada a uma manifestação material específica (seja oral ou escrita), considerando uma série de detalhes variados.

A essência da conceptualização de um evento comunicativo reside na participação ativa dos interlocutores, denominados “conceptualizador” e “co-conceptualizador”, para evitar conflitos com correntes linguísticas não cognitivas. Estes estão imersos nas circunstâncias imediatas e no conjunto de saberes compartilhados. Tais elementos devem ser compreendidos como *ground*, abrangendo tanto os conceptualizadores envolvidos na interação quanto as condições circunstanciais imediatas, como o tempo e o local de fala, manifestando-se dentro de uma situação comunicativa. Para Langacker, a situação de comunicação é entendida como um

espaço discursivo atual (CDS – figura 1). Optamos pelo termo “situação de comunicação” por ser mais claro e por manter a noção de campo motivador da produção de interação. Dessa forma, a situação de comunicação é um espaço mental no qual os participantes da interação compreendem os elementos do *ground* e as relações interpretadas como compartilhadas pelos conceptualizadores, servindo como base para a comunicação em um dado momento do fluxo da interação. Tanto o *ground* quanto a situação de comunicação são domínios cognitivos suscetíveis de serem evocados como base conceitual para o significado dos elementos linguísticos.

Figura 1 – Representação imagética simplista da situação de comunicação proposto por Langacker (2000)



Adaptado de Langacker (2000, p 145)

A Figura 1 ilustra os diversos elementos que constituem um evento de uso. Esse tipo de evento pode se materializar na forma de uma cláusula ou de um conjunto delas (referido como texto), representando a atividade realizada pelo conceptualizador e pelo co-conceptualizador. O conceptualizador, identificado pela letra (S), desempenha a função de iniciador, enquanto (H) exemplifica o co-conceptualizador, que responde, assumindo papéis ativos ou receptivos. Ambos os conceptualizadores atuam como os polos fundamentais da cláusula. A atividade do conceptualizador e do co-conceptualizador implica direcionamento e focalização de atenção (--->). Na comunicação padrão, os participantes da interação focam no mesmo ponto de atenção simultaneamente. Nosso campo visual é limitado, permitindo-nos absorver apenas uma parte do

mundo em um dado momento. Analogamente, o “campo conceptual” também é restringido, delimitando o que podemos conceituar ou ter em mente em um determinado instante.

Langacker (2000) explica que o conceito de moldura se refere à metáfora de observar o mundo através de uma janela, onde o “frame de visualização” delimita o alcance imediato da nossa concepção dentro do quadro, e o “foco de atenção” determina o que uma cláusula perfila ou delinea como parte integrante do escopo visualizador.

Um evento de uso se desenrola submetido à circunstância imediata e é interpretado de forma abrangente, levando em consideração as circunstâncias físicas, mentais, sociais e culturais. Conforme Langacker (2000) explica, o *ground* está no âmago desse contexto de uso, sendo crucial que os conceptualizadores compartilhem o mesmo campo visual de algum aspecto do mundo, ou seja, compartilhem o mesmo frame de visualização. O quadro referencial sob o qual observam compõe o contexto da interação. O conteúdo de sua conceptualização pode abarcar qualquer coisa, uma vez que somos capazes de conceber e discorrer sobre situações em qualquer mundo (real ou fictício), em qualquer tempo e espaço.

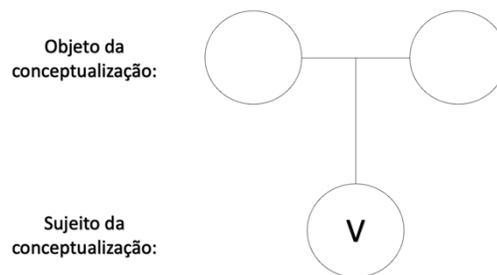
O frame de visualização pode ser aplicado sobre diversos aspectos. A cláusula “O livro de Introdução à Linguística Cognitiva tem a capa verde”, representa um caso especial, porém privilegiado, já que se delinea por um arranjo de visualização padrão e representa um aspecto material da entidade “Livro de Introdução à Linguística Cognitiva” e afirma que a capa é verde. O frame de visualização implicado para essa cláusula pode ser “a busca do referido livro numa livraria ou biblioteca”, “encontrar o livro esquecido em algum lugar” etc. A cláusula se ergue sobre um frame de visualização centrado no reconhecimento físico da entidade e em sua individualidade em oposição a outros livros de Introdução à Linguística Cognitiva que possam ter capa de outras cores. Trata-se de um caso especial exatamente por ser comprovado pela convenção social e não representar um critério que possa ser questionável.

Além do contexto da interação, a situação de comunicação envolve o conhecimento presumivelmente compartilhado e razoavelmente acessível. Inclui também a apreensão dos conceptualizadores da própria interação em curso, os eventos anteriores, bem como os eventos seguintes que podem ser antecipados. Qualquer faceta da interação pode ser extraída e aludida da cláusula atual.

1.1. Frame de visualização e a conceptualização

Langacker (1987) descreve o processo de conceptualização como a interação entre um sujeito que conceitua uma cena e a retrata por meio de ajustes focais e imagens. Este ato de conceptualização envolve, no mínimo, a presença de um sujeito e um fenômeno experienciável, sendo que Langacker (1993, p.454) utiliza o termo "arranjo de visualização" para se referir a esse processo (consulte a figura 2).

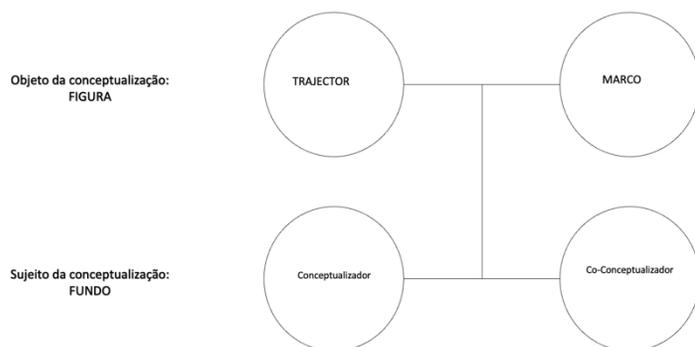
Figura 2 – Arranjo de Visualização



Adaptado de Langacker (1987 e 1993)

A configuração do frame de visualização é bidimensional, motivada pelas distinções entre os tipos de construção de cláusulas. O nível horizontal (relativo ao Objeto da Conceptualização) lida com a ação dos ajustes focais (atendendo à atenção, dinâmica de força etc.) na conceptualização da cena concebida, enquanto o nível vertical trata das relações envolvidas na situação comunicativa (como dêixis, ponto de vista, etc.). Consultemos a figura 3.

Figura 3 – Elementos básicos do processo de conceptualização



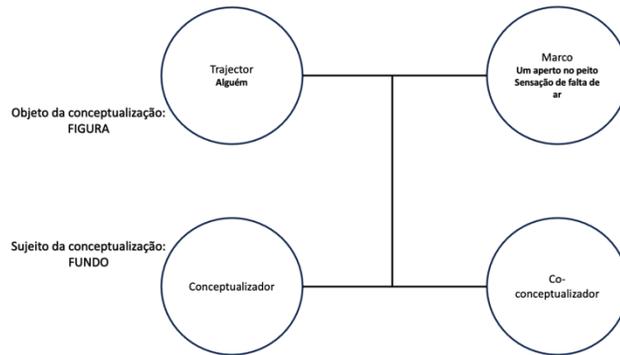
Adaptado de Langacker (1987 e 1993)

O evento de uso depende do conhecimento compartilhado, de convenções e da premissa de assumir e reconhecer o outro como igual. A interação em Langacker² é complexa, pois envolve a percepção de que a conceptualização de um evento (objeto da conceptualização – campo de Figura) inclui mais de um sujeito (Sujeito da conceptualização – campo de Fundo). Na figura 3, a essência de um evento de uso surge da dinâmica entre dois conceptualizadores: um é responsável pela conceituação (Conceptualizador) e o outro participa em um processo coordenado de troca, com um conhecimento mútuo compartilhado que abrange modelos interacionais e situações de comunicação. O fundo de conceptualização não depende apenas dos conceptualizadores, mas também se apoia no *ground* que eles estabelecem para facilitar a interação, incluindo a situação comunicativa, a consciência dos papéis que desempenham, a intenção comunicativa, a situação e o contexto de comunicação, bem como o tempo e espaço. Portanto, a linha horizontal conecta os dois conceptualizadores, pois eles compartilham o mesmo *ground*. Esse compartilhamento promove a compreensão do plano de figura como resultado do perfilamento proposto pelo *ground*.

Peguemos a seguinte cláusula publicada no Facebook, no grupo “Eu tive Covid-19”, no dia 23/03/2019: (1) Alguém ainda sente um aperto no peito, e sensação de falta de ar??? A postagem teve como resposta: (2) Sempre e já fiz vários exames de coração diz q ã tem nada. Dessa interação, o *ground* básico é organizado pelos seguintes elementos: Os conceptualizadores são indivíduos afetados pela Covid-19 que apresentam sintomas persistente da doença, o cenário é um grupo do Facebook, o tempo é delimitado pelas interações e postagens nessa rede social. Há também uma consciência individual durante a fase de infecção e uma atenção ao próprio corpo no período pós-Covid-19. Langacker (2008) define o *ground* como um processo de coordenação cognitiva, enquanto Clark (1996) o define como contexto, porém com critérios mais precisos do que geralmente apresentados nos estudos de texto e discurso. A inclusão do advérbio “ainda” em (1) direciona o foco para os indivíduos que continuam a manifestar sintomas mesmo após se recuperarem da Covid-19. Isso significa que o perfilamento escolhido pelo conceptualizador concentra-se no co-conceptualizador, ativando, assim, a base conceptual dos sintomas persistentes, como aperto no peito e falta de ar constante, ver a figura 4.

² Langacker (1987 e 1993) utiliza a noção da Gestalt – campo da psicológica cognitivo-comportamental – intitulado figura e fundo, sendo que figura é centro principal da atenção do olhar que se torna aquilo que está em destaque.

Figura 4 – Representação da coordenação de perspectivas.



Formulado pelos autores com base em Langacker (1998).

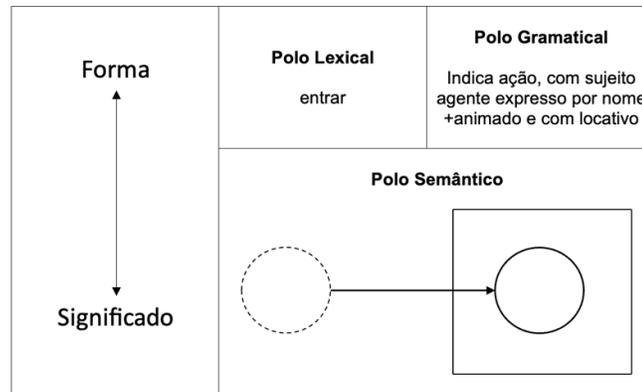
Na figura, o emprego do pronome “alguém” é determinado pelo espaço mental compartilhado entre os dois conceptualizadores e deve conter informações explícitas no contexto. O Trajector nesse caso é o conceito de um paciente que se recuperou da Covid-19, mas continua apresentando sintomas persistentes, daí a inclusão do advérbio “ainda”. O espaço mental retrata um paciente com sintomas vinculados a problemas cardíacos, sendo posteriormente retomado pelo Co-Conceptualizador na cláusula (2). A utilização do pronome indefinido é facilmente entendida devido ao suporte tanto do Objeto quanto do Sujeito (ground). A clareza na comunicação entre os conceptualizadores decorre da natureza objetiva da conceptualização, que necessita que o contexto se reflita na representação visual.

No exemplo (1), Conceptualizador e Co-Conceptualizador precisam ser a base de fundamento do significado da cláusula enunciada. Efetivamente, o conceptualizador busca entender o que se passa com os sintomas manifestados e qual a explicação para sua presença. No exemplo (2), o co-conceptualizador de (1) assume a posição de conceptualizador e dá a informação que fora buscada. O ajuste focal de perspectiva ajuda não só a construção do significado, mas também amarra o significado ao *ground*, já que os significados são sempre atualizados durante a construção do discurso/interação. O ground de uma cláusula não é vital para a utilização de qualquer item lexical, mas é fundamental para compreender o significado de uma cláusula na qual um determinado item não pode ser expresso linguisticamente, como dêiticos e marcadores de partes textuais. A noção de perspectiva em Langacker (1990 e 1991) se apoia nos conceitos de *ground* e de arranjo de visualização. O próximo tópico continuaremos a discorrer sobre o conceito de arranjo de visualização.

1.2. Perspectiva como ponto de vantagem para visualização de uma cena

Simpson (2004) percebeu que o uso de determinados pontos de vantagem de construção (conceptualização) de uma dada cena se associava a determinados pontos de vistas ideológicos. Hart (2014), analisando notícias a respeito do processo de imigração para Grã-Bretanha, ressaltou que determinados padrões espaciais de visualização do evento eram direcionados para viés ideológicos diferentes. A perspectiva permite ao conceptualizador se projetar em uma dimensão visuoespacial para criar uma cena concebida específica, manipulando informações e distribuindo-as de acordo com o self proposto pela perspectiva. Para ilustrar a perspectiva como um evento visuoespacial, consideremos a cláusula (3) que descreve: “Viajantes entram no Brasil apenas com teste negativo para Covid-19” retira de uma manchete do Jornal da Cultura, Associação Padre Anchieta do Governo do Estado de São Paulo. Na figura 5, apresentamos uma representação imagética da experiência humana de “entrar”.

Figura 5 – Representação cognitivo-funcional do verbo **entrar**.



Elaborado pelos autores

A cláusula (3) tem base conceptual centrada na oposição dentro e fora do espaço Brasil, onde viajantes realizam uma ação de movimento em direção ao país. O foco é no sujeito agente (viajantes) como Trajector (posição de Figura), com o Brasil como marco (posição de fundo), indicando que o espaço permite a entrada de sujeitos, entretanto o termo “apenas” funciona como um filtro que seleciona quem pode entrar. O conceito favorece o sujeito estrangeiro em relação ao locativo, como o filtro está na posição de fundo acaba por criar tensões ao co-conceptualizador. A visualização espacial, apresentada no polo semântico da figura 5,

revela o movimento no espaço realizado pelos viajantes, com foco centrado no Trajector. De modo ambíguo, a construção tanto pode aumentar a tensão com a entrada de sujeito no país, bem como indicar que o Brasil está começando a remover as restrições de acesso ao país durante a pandemia de Covid-19. A perspectiva escolhida projeta um perfil que visa atrair uma interpretação mais confiante na participação do turismo e na expansão dos negócios que dependem da circulação de dinheiro proveniente do turismo internacional e perfila tensões a remoções das restrições.

Hart (2014) percebeu que jornais britânicos escolhiam perspectivas de acordo com o interesse de seu público-alvo. Assim, o ajuste focal de perspectiva ajuda na organização argumentativa do texto, de modo que possibilita manobrar o leitor e posicioná-lo onde uma dada cena é apresentada e conceitualizada. A seguir dispomos de três exemplos de Hart (2014, p. 114 e 115, tradução nossa) que ilustram o fenômeno linguístico-cognitivo:

- (4) Vários policiais ficaram feridos ao serem atacados pelos manifestantes. (The Times, 10 November)
- (5) Grupos de manifestantes avançaram e foram contidos pela polícia. (The Independent, 24 November)
- (6) Cerca de 50 policiais entraram no local pouco depois das 17h, quando a maioria dos manifestantes começou a deixar o local. (The Independent, 10 November)

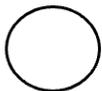
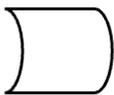
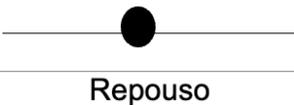
O ajuste focal de perspectiva é um mecanismo cognitivo que permite metaforizar espaço e tempo para codificá-los linguisticamente de diversas maneiras, desde voz verbal até configurações temporais, modais e axiológicas. Na cláusula (4), um evento causativo é construído com foco no paciente, promovendo solidariedade e revelando a posição do conceptualizador no momento em que a ação ocorreu. Sobre isso, Langacker (2019) explica que os ajustes de perspectiva se expressam em três formas de construções: passivas, progressivas e perfeitas. A cláusula (4) utiliza a construção passiva, na qual o sujeito da ação se manifesta como o agente da passiva. Essa escolha aproxima o conceptualizador e o co-conceptualizador do paciente, além de reduzir o poder limitador da liberdade e propriedade por parte de um agente policial. O agente da passiva ganha força ao ser capaz de limitar o poder coercitivo do estado.

A interação de forças entre policiais e manifestantes torna-se mais evidente na cláusula (5), onde a oposição plural do agente da construção [SNV avançar] e do agente da passiva na construção passiva manifesta a tendência natural e estatal de força, bloqueando o avanço. Na cláusula (6), o conceptualizador opta por não destacar a interação de forças entre manifestantes e polícia, permitindo ao leitor interpretar que a manifestação foi pacífica. Essas escolhas revelam diferentes *selfs* entre os conceptualizadores, já que a perspectiva projetada cria pontos de vista distintos sobre a mesma cena concebida. A noção de força será abordada a seguir como um modo particular de arranjo de visualização centrada na interação entre as entidades envolvidas na cena concebida, ou seja, como uma situação não causativa pode revelar uma relação de causalidade.

1.3. Perspectiva e Dinâmica de Força

A noção de Dinâmica de Força emerge nos estudos da Semântica Cognitiva de Leonard Talmy (2000) e busca entender como a língua trata e concebe as relações de força e causalidade que ocorrem entre certas entidades dentro de uma dada cena conceitualizada. Talmy categoriza as concepções de força e suas metaforizações, tanto em relações intra e interpessoais quanto em interações sociais. Assim, a causalidade é vista como a transferência de energia entre sujeito e objeto, denominados por Talmy como Agonista e Antagonista (ver no quadro 1 outros elementos participantes da noção de dinâmica de força). O Agonista é o primeiro participante no foco da atenção da dinâmica de força, sendo que a questão central na interação é se o Agonista manifestará sua tendência de força. O segundo participante, o Antagonista, é avaliado pelo efeito que exerce sobre o Agonista, ou seja, se consegue ou não superar a tendência de força deste último. A seguir, com base Talmy (2000), apresentamos um quadro em que são relacionados as entidades de força, as tendências prototípicas de força, as bases do equilíbrio ou desequilíbrio entre os choques de força e as resultantes possíveis que são geradas no momento em que a interação de força se encontram. Por questões de espaços e dos dados encontrados os processos de metaforização da noção de força não foram expostos.

Quadro 01 – Entidades proposta por Talmy (2000) para representar a Dinâmica de Força

a) Entidades de Força	b) Tendência intrínseca de força	c) Equilíbrio de forças	d) Resultante da interação de forças
Agonista (AGO) 	$>$ Voltada à ação	$+$ Entidade mais forte	 Ação (movimento)
Antagonista (ANT) 	\cdot Voltada ao repouso	$-$ Entidade mais fraca	 Repouso

baseado de Talmy (2000)

Gonçalves Segundo (2016) explica que a categoria de dinâmica de força aborda as relações linguístico-cognitivas das estruturas imagéticas, generalizando a noção de causalidade e desdobrando-a em outras noções, como permissão, bloqueio e concessão. Talmy (1988) esclarece que o modelo busca explicar os padrões construtivos das interações de força e como estas são conceptualizadas pela gramática cognitiva.

A seguir, apresentaremos a metodologia e como aplicamos os conceitos de perspectiva de Langacker (1998) e de Dinâmica de Força de Talmy (1988 e 2000) no tratamento de relatos de experiência de falantes de português que tiveram Covid-19, conforme postagens no Facebook.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa aqui desenvolvida se trata de estudo hipotético-dedutivo, cujas bases se dão via um levantamento bibliográfico a fim de se realizar uma análise qualitativa dos dados coletados no Facebook.

2.1. Seleção, delimitação e caracterização do *corpus*

A seleção e delimitação do *corpus* foram definidas com base na produção de texto biográfico por falantes do Português do Brasil em que expõem suas experiências de adoecimento

resultante de processo infeccioso do vírus da Covid-19. Para tanto, fizemos um recorte temporal entre março de 2021 a março de 2023 para a coleta de texto nos grupos “Covid-19 Brasil” e “Eu tive Covid-19” no Facebook. Entre os relatos divulgados, a maioria buscava esclarecer dúvidas sobre sintomas e tratamento. Portanto, optou-se por coletar apenas os relatos que descreviam os efeitos da doença no corpo, o processo de contaminação, a natureza do tratamento e a avaliação dos infectados sobre a doença. Esses relatos revelam o tom pessoal dos indivíduos que procuram compartilhar suas experiências e reflexões sobre a Covid-19. O corpus selecionado consistiu em 8 relatos de um total de 135, fragmentados em 49 construções e 233 sintagmas, para facilitar a análise dos dados.

2.2. Categorias de análise e procedimentos de análise

Os relatos de experiência foram analisados usando três categorias: Perfilamento (Sujeito e Objeto da Conceptualização), Distribuição de entidades na cena concebida (Trajector e Marco), e Força das entidades na cena concebida (Antagonista e Agonista).

O perfilamento auxilia na definição da clareza da cena concebida e na proximidade do conceptualizador com o evento e suas entidades, além de determinar os papéis das entidades na dinâmica de forças. A forma como as entidades são distribuídas na cena concebida indica como o co-conceptualizador se posiciona para interpretar a conceptualização proposta e os significados atribuídos ao evento e às entidades na situação de comunicação. A situação de comunicação estabelece um contexto imediato que leva o conceptualizador a considerar a dinâmica de força entre as entidades emergentes do evento, tornando essencial a interpretação da transitividade com base na relação de forças manifestadas pelas entidades conceptualizadas na interação.

Para viabilizar a análise dos dados, as construções foram catalogadas em planilhas de Excel, deixando três linhas entre cada construção para analisar os sintagmas: P (Perfilamento), PV (Trajector e Marco) e DF (Relações de Força). As construções foram decompostas em sintagmas para analisar as entidades e seus significados, tanto isoladamente quanto dentro da construção. O objetivo é entender como o ajuste focal de perspectiva atua na organização do significado durante a interação. Os relatos foram analisados individualmente, sem identificação

dos autores ou seus gêneros, com o foco em compreender como o ajuste focal influencia a construção do significado.

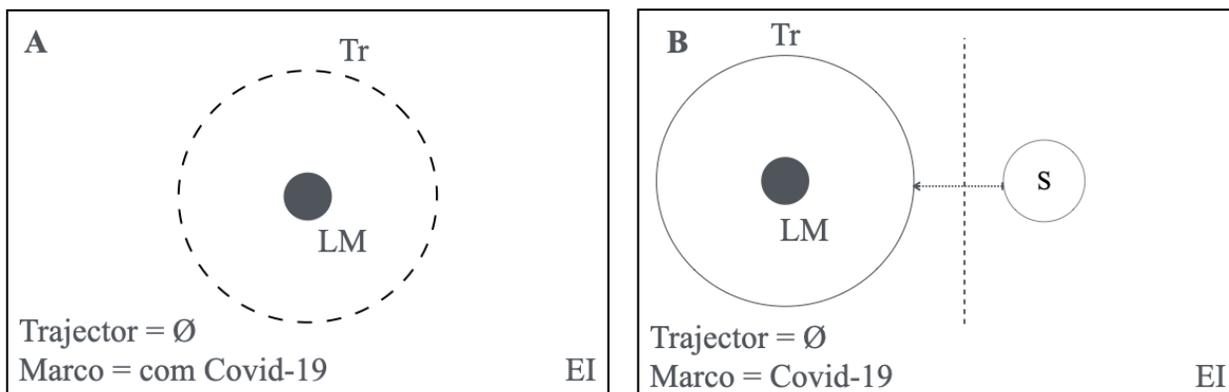
3. ANÁLISE E RESULTADOS

A situação de comunicação desencadeia o comportamento linguístico, estabelecendo as bases para a organização da estruturação semântica e a seleção dos elementos em destaque ou em segundo plano. A posição destacada (figura) revela a relação do conceptualizador com o objeto da conceptualização. Os relatos analisados sobre a vivência do adoecimento pela COVID-19 foram feitos em primeira pessoa, como é comum nesse tipo de narração, mas nenhum deles identificou explicitamente o sujeito, apenas indicaram a forma verbal. Essa ausência de identificação revela o foco dos narradores na entidade invasora de seus corpos, estruturando a narrativa a partir do conceito de dentro/fora. Ao escolher o campo de perspectiva, o narrador define um ponto de vista que orienta a organização da conceptualização e como será projetado a estrutura semântica do conteúdo.

3.1. A perspectiva nos relatos de experiência sobre covid-19

Quatro pontos de vista são comuns nos relatos: sujeito possuído, espaço dentro-fora, espaço fora-dentro e espaço dentro. O ponto de vista de sujeito possuído orienta a maioria dos relatos e a conceptualiza a infecção por covid-19 como um fenômeno abstrato e seu foco de atenção se direciona aos sintomas a fim de revelar como se dá a natureza da doença. Nas figuras 6 e 7, procuramos representar apenas o polo semântico e como se deu o perfilamento das entidades e do evento “ter Covid-19”. A natureza sintático-semântico dos verbos se apoiou em Chafe (1970) e na descrição dos verbos do português contemporâneo do Brasil de Borba (1990). Embora existam outras abordagens que procuram classificar os verbos conforme seus usos, optamos pela abordagem de Chafe (1970) e a classificação de Borba (1990) por manterem uma relação teórica e filosófica com os trabalhos de Langacker (1990 e 1991) e para evitar uma costura teórica mais clara e funcional.

Figura 6 – A representação imagética das construções “Estou com Covid-19”^A e “Tive Covid-19 em julho”^B

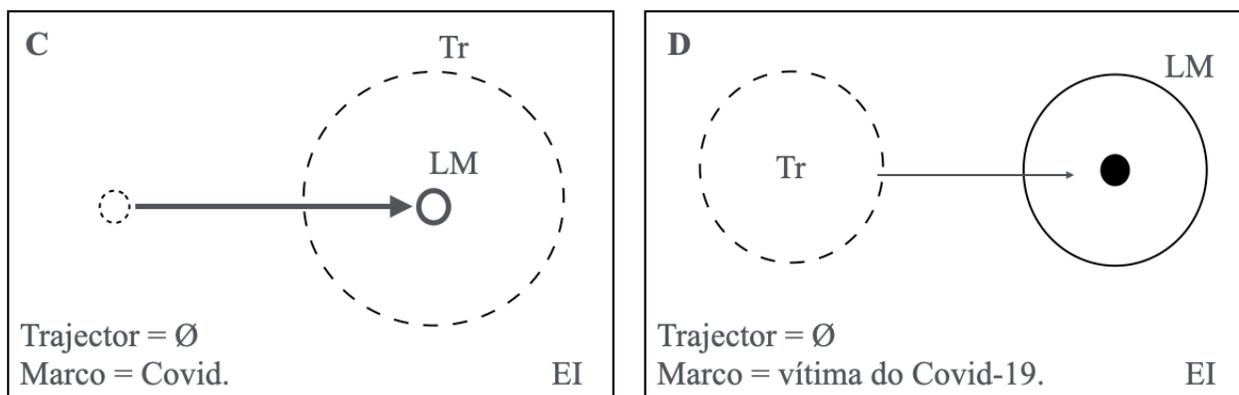


Elaborado pelos autores

A figura 6 acima ilustra como o sujeito metaforiza a experiência de adoecimento causado pela Covid-19, revelando que se sente possuído. Por isso, ele não coloca o sujeito em primeiro plano, mas o marca no verbo. O foco de atenção se volta ao evento, representando o sujeito como um espaço tomado pela doença, indicado pelo círculo tracejado. Em A, a atenção recai sobre o evento presente, com o sujeito inativo não sendo expresso explicitamente, embora possa ser marcado pelo uso de um pronome pessoal. Assume-se que o sujeito não fez nenhuma ação para contribuir com a "posse", e essa inatividade ajuda a centralizar o foco no evento. Em B, o ponto de vista recorta o tempo, permitindo a adição de um constituinte que indica o fim da presença da Covid-19. A seta simboliza a passagem do tempo, culminando com a representação da Covid-19 pelo círculo central escuro. O adoecimento pode ser conceptualizado tanto como um processo de posse, bem como na forma de um processo durativo de posse de um corpo.

Na figura 7, a representação imagética de C conceptualiza a experiência como uma ação, onde um sujeito agente aproxima algo de si. A ideia de se infectar é entendida como a passagem da entidade do ambiente externo para o interno. A omissão do sujeito da ação destaca a entrada da doença, mas essa omissão é facilmente rastreada na superfície do discurso e pelo grau de identificabilidade do sintagma nominal. Em C, o foco da ação está no movimento indicado pela seta, mostrando a posição anterior e atual da entidade Covid-19. Em D, a cena é construída para dar mais agente da passiva à Covid-19, colocando-a na posição de complemento nominal.

Figura 7 – A representação imagética das construções “Peguei Covid-19 há 3 meses”^C e “Fui vítima do Covid-19”^D.

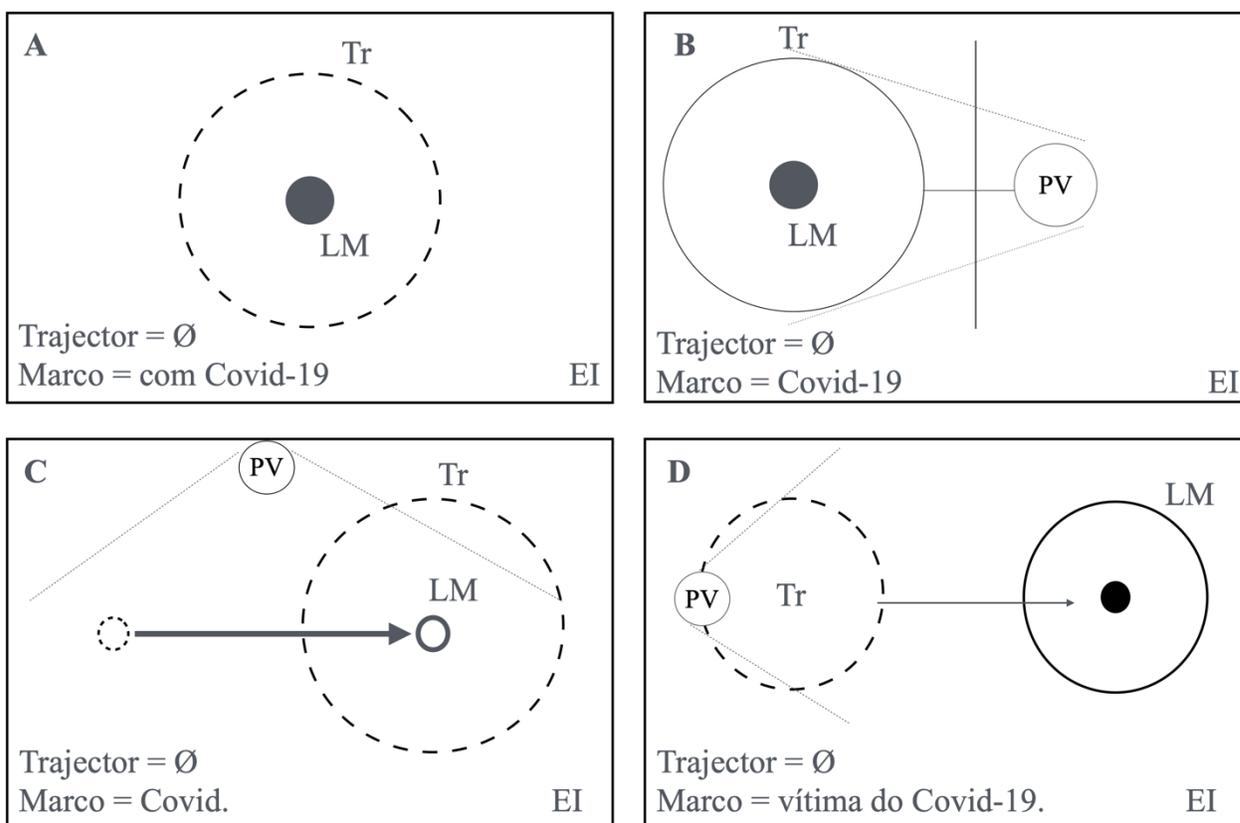


Elaborado pelos autores

3.1.2. Ponto de vantagem na conceptualização

O ponto de vantagem possibilita ao falante diferentes modos de se posicionar diante de uma cena para construir e conceptualiza a experiência corporal em um constructo visual em que o co-conceptualizador pode interpretar a semiotização da cena concebida. Para entender os diferentes pontos de vantagens acionados, Langacker (1991) explica que a realidade não é um dado a priori, mas trata-se de uma concepção formulado pelo conceptualizador em cada construção, pois depende do estatuto epistêmico e elementos constituintes. A realidade é forjada pelo conceptualizador estruturado no *ground* – elementos situacionais imediatos (ambiente e co-conceptualizador). Langacker assume que a realidade não se estrutura nas condições físicas e filosóficas, mas experiência humana recurvada pela linguagem. No caso de interações virtuais, o co-conceptualizador é uma entidade que é projetada pelo conceptualizador, ou seja, efetivamente, não tem natureza física ou filosófica, pois é fictício, já que o conceptualizador se apoia nos elementos do *ground* para projetar o campo de visualização (Escopo de Visualização Máximo). Na figura 8, procuramos representar o ponto de vantagem perspectivado pelos sujeitos na conceptualizam a experiência de adoecimento nos modos mais recorrente de organização na forma de cláusula da experiência de “ter Covid-19”.

Figura 8 – Representação imagética do ponto de vantagem das sentenças A, B, C e D.



Elaborado pelos autores

Em A, figura 8, o ponto de vantagem está diretamente ligado ao momento de realização do enunciado. O domínio de base é a noção de companhia, onde o sujeito reconhece a presença do outro em seu interior, permitindo a conceptualização no presente e a fusão da realidade com o enunciado. A realidade concebida (CR) está associada ao ground (percepção, interocepção³ e propriocepção⁴), por isso o enunciado está no presente. Estruturalmente, o conceptualizador optou pelo uso do pronome nulo, que está em uma posição de proeminência (figura) e dá mais atenção ao marco. O co-conceptualizador é posicionado junto ao palco para ver o desenrolar do relato, já que ambos compartilham o ground. Por compartilhar ground e a realidade imediata, a afirmação “Estou com Covid-19” é recebida e se torna racional à medida que a interação avança dentro da situação de comunicação, pois se baseia em outras construções como “Estou com febre”, “Estou com fome” e “Estou com sede”. A construção “Estar com X”

³ Sherrington (1906) aplicou o termo em referência ao conjunto de informações internas que implicam em mudanças comportamentais de modo direto ou indireto, determinando o bem-estar físico e mental, emoções e o humor.

⁴ Trata-se do termo foi forjado por Sherrington (1906) para se referir à capacidade de reconhecer a posição das articulações no espaço. O sistema proprioceptivo é de natureza neurológica e recebe informações proveniente de múltiplos sensores espalhados pelo corpo, desde a sola do pé ao sistema visual.

pode ser substituída por “Estar X” (“Estou febril”, “Estou seco”, “Estou faminto”). O arquétipo conceitual “espaço” como domínio matriz orienta a representação da Covid-19 na posição de marco, já que um subdomínio do “espaço” é “objeto físico”, ou seja, “possuir forma”. O conceptualizador é levado pela percepção a entender a Covid-19 na forma de companhia, utilizando o substantivo para designar uma região localizada em um determinado domínio.

Em oposição a sentença A da figura 8, os outros relatos utilizaram outras perspectivas e possibilitou que a cena fosse enunciada de ângulos diferentes, ocasionando modificações no tempo e no grau de agentividade⁵ da sentença. Em B da figura 8, a sentença faz a cisão entre a realidade imediata expressa pela realização do ato enunciado e a realidade não imediata que é marcada pela flexão verbal e o adjunto adverbial. A perspectiva utilizada possibilita ao conceptualizador projetar a cena no passado e construir a sentença com foco na presença de algo “Ter X” (Tive sede, Tive fome, Tive dengue, Tive filhos, Tive dinheiro, etc). O verbo ter constrói a base conceptual de “bloqueio” ou “retenção” em que a ação se dá na forma de posse ou aquisição por contágio. A covid-19 é perfilada com base conceptual no domínio de “espaço” com subdomínio “forma de vida” que se apropria do domínio de “movimento”. Na base da relação estabelecida pelo verbo e o complemento está uma relação de transferência, já que o foco da atenção recai sobre o tempo em que a “posse” da Covid-19 se deu, fato que é marcado pelo adjunto adverbial “em julho”. A perspectiva atua na conceptualização da cena concebida como um scanner fazendo uma varredura do evento e permite ao conceptualizador a se posicionar em diferentes locais para realizar a enunciação. Lembramos que o uso dos verbos estados (CHAFE, 1970) são locais, pois é um estado X, em que se implica está doente de Covid-19. O uso expresso em A da figura 8 revela a metaforização conceitual do estado como local, ou seja, estar com Covid-19 é estar em estado de doente de Covid-19.

Em C da Figura 8, a sentença se organiza com o verbo pegar que pede sujeito agente e complemento objeto, entretanto, o verbo apresenta uma grande variabilidade do seu estatuto semântico. O domínio base do verbo é a noção de “movimento” executado pelo sujeito agente que puxa para si um objeto que está longe de modo a inseri-lo em um “contêiner”. A ideia é expressar o processo de infecção por meio do movimento em direção ao interior de um contêiner. Silva (2016) apresenta outros esquemas para o verbo pegar + verbo *dicendi*, sem apresentar o esquema em que o verbo pegar tem complemento referindo a doença. A perspectiva do alto

⁵ A noção de agentividade será tratada junto da noção de dinâmica de força.

possibilita entender o processo de infecção como um evento em movimento, já que a seta mostra o movimento em direção ao contêiner, além disso, por usar o pronome nulo, a sentença acaba por perfilar a relação temporal. A perspectiva, explica Langacker (1987), possibilita ao conceptualizador manipular a saliência relativa das subestruturas da predicação, dentro do fluxo informacional a primeira posição apresenta um grau de saliência relativa maior, pois a ocupa a posição de figura em oposição ao elemento que aparece no fundo. Ao mudar a posição relativa do conceptualizador, a organização da cena concebida projeta um perfilamento de base que revela a interpretação, ou seja, ao realizar o recorte conceptual, o conceptualizador reduzir as possibilidades de significado de uma base conceptual mais ampla e evita que o significado da conceptualização não se confunda com o significado das palavras.

A articulação do “Ponto de Vantagem” garante modificações significativas em como os sujeitos experienciam a Covid-19 e as sentenças em análise aparecem no início dos relatos de experiência. Em D da figura 8, o ponto de vantagem é colocado no passado de modo que possibilite ao conceptualizador avaliar a experiência com a doença. O conceptualizador opta por uma construção com pronome nulo em que, se instalando no passado (PV), pode afirmar que foi “vítima da Covid-19”. De modo geral, ao reconstruir a experiência, os relatos acabam por dotar a Covid-19 como uma entidade animada e volitiva, já que a base conceptual dos substantivos ser o “espaço” e por atribuição “ocupem um lugar no espaço”. Entretanto, o substantivo vítima tem um domínio conceptual de base “força”, em que o sujeito vítima (agonista) não manifesta disposição para resistir às desgraças, aos infortúnios e aos danos, ou seja, fica a mercê de um outro ser de força e/ou antagonista. A estruturação da sentença se torna possível por não ser claro para o conceptualizador construir um evento transitivo de forma a revelar a ação de um ser sobre outro ser. Embora, a escolha feita pelo conceptualizador mantem natureza da base conceptual sem levar a extrapolção da Covid-19 como um ser agentivo e volitivo.

As operações de mudança de ponto de vantagem não só garantem a novas organizações estruturais de significado, bem como possibilitam que ações de processos metafóricos e metonímicos sejam ativados para semiotizar as informações oriundas de outros sistemas perceptivos (propriocepção e interocepção) em paralelo a língua. A interação entre língua e cognição é ininterrupta, já que, sendo a cognição corporificada, diversos estímulos são produzidos, analisados, comparados e processados rapidamente com vista a direcionamento de respostas adequadas com fim na resolução de eventos.

3.2. Perspectiva e interação de forças

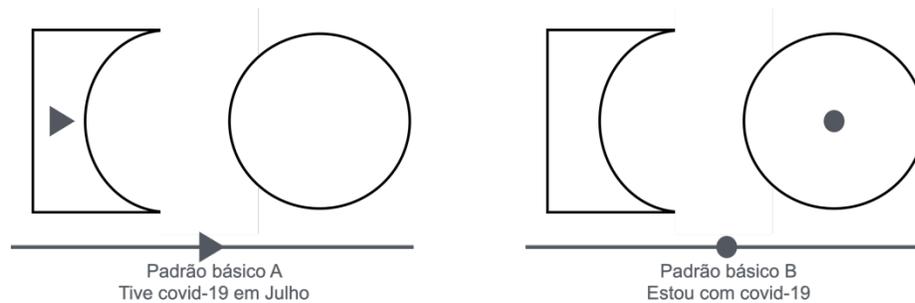
No 3.1. foi abordada a perspectiva na forma de uma posição visuoespacial em que o conceptualizador se coloca e constrói a sentença e/ou texto. Agora, focaremos essa organização da estrutura conceptual pela perspectiva da dinâmica de força, ressaltando os papéis assumidos pelas entidades e como o evento dinâmico é projetado na forma de uma cena concebida. A Dinâmica de Força entende que há, na base de uma conceptualização, uma interação de força entre as entidades num dado evento dinâmico. Talmy (1988) argumenta que a categoria de força é negligenciada, bem como outras categorias semânticas (cor e temperatura). O domínio conceptual de força se manifesta na base dos eventos dinâmicos, mas é relevante notar que as entidades envolvidas manifestam diferentes tipos de força. O evento dinâmico aqui tratado é de natureza causativa diferente que não demanda efetivamente o uso de força física, mas a noção de força está na base conceptual da organização dos significados da linguagem. A noção de força abrange mais campos semânticos que a noção de causalidade, já que a operação de base se encontra numa “física ingênua”.

Aplicamos em todos os momentos de construção de significados em relatos de experiência sobre doença termos como “leves”, “forte”, “gripezinha”, “muito”, “luta”, “vitória”, “aguento” e outros. A noção de força faz parte do sistema de conceptualização, sendo uma categoria negligenciada nos estudos linguísticos e da gramática, embora que o uso feito pelos falantes revelem sua presença no léxico e na gramática. Os usos aplicados incorporam um domínio conceptual de base ligado a “força”, mas a noção de força é semiotizada metaforicamente para construir o mundo com base na diversidade das relações de poder/força em que os conceptualizadores se integram nos momentos de interação sociocomunicativa. Sweetser (1990) explica que existe uma tendência de usar elementos do mundo externo para conceptualizar o mundo interno, assim, os conceptualizadores alçam mão de raciocínios modelados construídos nas experiências humanas. A noção de força é um domínio conceptual básico que se transforma em sociofísico e psicofísico.

Partamos para a sentença A – Estou com Covid-19 – o evento exposto não apresenta uma relação de transferência de energia, já que se limita a expor a proximidade entre conceptualizador e o vírus da Covid-19. Essa inatividade revela que as entidades estão em

repouso (inação), em que não há uma manifestação da tendência inata para o movimento. O evento é construído com um aparente equilíbrio de força. Do ponto de vista do conceptualizador, a Covid-19 não manifestou seus efeitos sobre a organismo, pois a conceptualização se situa no início do evento dinâmico, na fase de incubação do vírus. O conceptualizador não percebeu a interação de força, essa mudança pode se dar no decurso do tempo. Essa construção se apoia na tendência inerente do Agonista (conceptualizador) para o repouso é mais forte do que a força que o opõe; conseqüentemente, o Agonista permanece no lugar. Talmy (2000) chamou essa conceptualização de padrão básico B da dinâmica de força de estado estacionário.

Figura 9 – Padrões básico de força de estado estacionário.



Elaborado com base em Talmy (2000)

Na sentença B – Tive covid-19 em julho – o evento aconteceu no passado e revela que a tendência natural do Agonista (conceptualizador) para o repouso foi superada pelo Antagonista mais forte, que o fez passar pelo estado de doença, Talmy (2000) classificou como padrão A. Os padrões A e B da figura 8 revelam que um evento dinâmico pode ser construído no fim ou no início do processo, em que antagonista e agonista podem ou não manifestar a tendência para movimento ou repouso. Os padrões A e B da figura 8 se apoiam na experiência de movimento e de repouso que está no domínio conceptual de força, além de estar associado a dimensão sensorio-motora da atividade cognitiva, por conseguinte, experiência humana de causa e efeito.

As operações nas sentenças C e D da figura 8 tem um viés causativo de base, especialmente, em “Peguei Covid-19 há três meses”, o antagonista se manifesta na posição de sujeito. O conceptualizador reconhece que manifesta a tendência natural a movimento e o usa para trazer para si o agonista (Covid-19). Expomos antes que o domínio conceptual de base do verbo pegar é “movimento em direção a”, do ponto de vista da dinâmica de força, o antagonista volta sua ação para o agonista para fazê-lo abandonar sua tendência ao repouso, ou seja, o

conceptualizador reconhece que ágil para ir de encontro a Covid-19. Na cláusula D da figura 8, Covid-19 volta a figurar como antagonista – Fui vítima da Covid-19 – embora se organize como um evento estático, apoia-se na interação de força, em que o antagonista subjuga o agonista, assim, se revela como entidade mais forte. A conceptualizações em C e D da figura 8 utilizam como padrão de base a dinâmica de força em que a tendência do agonista para o repouso é superada por um antagonista mais forte, que o força a se mover.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ajuste de perspectiva permite ao conceptualizador uma maior variabilidade na conceptualização de um evento, além de possibilitar a divisão da sentença no tempo e no espaço. Sendo um processo cognitivo, o ajuste de perspectiva leva o conceptualizador a explorar diferentes efeitos discursivos, ajustando a cena de modo a fomentar processos semânticos que possam estabelecer uma maior proximidade com o co-conceptualizador. A interação sociocomunicativa é um evento cognitivo, onde as ações linguísticas visam construir maior adesão entre os membros da conceptualização, conectando a língua a outras funções cognitivas. No que tange à experiência de “Ter Covid-19”, os conceptualizadores escolheram pontos de vista em que a perspectiva do trajector orienta a base conceptual do significado da sentença, posicionando a Covid-19 como antagonista. Embora o conceptualizador tenha evitado uma organização mais transitiva, exceto na sentença C, as estruturas conceptuais exploraram padrões de interação de força para revelar sentimentos em relação à doença.

Os dados expõem que perfil base da conceptualização se centra no sujeito da conceptualização, sendo a Covid-19 posicionada na forma de complemento. No que cerne a distribuição das entidades na cena concebida, a Covid-19 é postulada como marco, ou seja, aparece no fundo da conceptualização, já que a natureza do relato acaba por ter foco no narrador como Trajector. Entretanto, o Trajector predominou na organização visuoespacial e possibilitou mudança no tempo e no espaço para conceptualizar o “ter Covid-19”. A interação de força foi organizada sobre os padrões básicos que foram definidos por Talmy (2000), assim, a interação de força se estruturou semanticamente na forma de “bloqueio” ou “restrição”.

A dimensão visuoespacial é crucial para a organização estrutural do significado. Negar que o plano sintático é produto da necessidade de comunicar e semiotizar uma experiência

humana limita a criatividade e engessa as estruturas linguísticas. A perspectiva permite manipular a realidade para revelar relações entre conceptualizador e co-conceptualizador, fundamentando a construção da realidade a partir da localização dos membros da situação comunicativa. O ground ajuda a delimitar as bases conceptuais do significado, revelando as bases cognitivas envolvidas na construção da sentença ou texto, independentemente de questões históricas e revela as bases ideológicas das escolhas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Francisco da S. (Org.) *Dicionário Gramatical de Verbo do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo, BR: Editora UNESP. 1990.

CHAFE, W. L. *Significado e Estrutura Linguística*. Maria Helena de Moura Neves; *et al.*(Trad.).São Paulo, BR: Livros Técnicos e Científicos Editora. 1979.

CLARK, Herbert H. *Using Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press. 1996.

GONÇALVES SEGUNDO, Paulo Roberto. (2016) Um roteiro para conhecer os estudos críticos do discurso. *Guia bibliográfico da FFLCH*. São Paulo: FFLCH/USP. Disponível em: <http://fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/Estudos%20Criticos%20do%20Discurso.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2024.

HART, C. *Discourse, Grammar and Ideology: Functional and Cognitive Perspectives*. Bloomsbury. 2014.

LANGACKER, Ronald W.. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. New York: Oxford University Press. 2008.

LANGACKER, Ronald W.. *Grammar and Conceptualization*, Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 1999. <https://doi.org/10.1515/9783110800524> Acesso em: 19 jul. 2024.

LANGACKER, R. W. Reference-Point Constructions. *Cognitive Linguistics*, 4, 1-38. 1993. <http://dx.doi.org/10.1515/cogl.1993.4.1.1> Acesso em: 7 jul. 2024.

LANGACKER, R. W. *Concept, Image, and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter. 1991.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical prerequisites (Volume I)*. Stanford: Stanford University Press. 1987.

SILVA, L. A. da. Construções idiomáticas com o verbo pegar: uma abordagem sociocognitiva. *Scripta*, 2016, 20(40), 307-326. <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2016v20n40p307> Acesso em: 10 jul. 2024.

SHERRINGTON C. S. *The Integrative Action of the Nervous System*. New Haven, CT: Yale University Press. 1906.

SIMPSON, P. *Stylistics: A resource book for Students*. London, New York: Routledge. 2004.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics—Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge University Press. 1990. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511620904> Acesso em: 12 jul. 2024.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics, Vol. II: Typology and process in concept structuring*. The MIT Press. 2000.

TALMY, L. Force Dynamics in Language and Cognition. *Cognitive Science*, 12: 49-100. 1988. https://doi.org/10.1207/s15516709cog1201_2 Acesso em: 19 jul. 2024.